

MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

Gleison Peralta Peres¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é realizar um estudo sobre memória, visto que é fundamental para a formação tanto para o indivíduo quanto para a nação, e pode sofrer modificações, em determinados tempos e espaços, perpassando fronteiras imaginárias, das quais não se temos controle, seja físico ou intelectual. Algumas lembranças sejam pessoais ou coletivas, solidificam os lugares de memória muito utilizados para justificar/consolidar a identidade. Os estudos sobre memória se fortalecem no meio acadêmico na segunda metade do século XX e a revista dos *Annales* foi fundamental para a disseminação. Por fim é realizado um estudo sobre a história oral, como fonte de pesquisa que vem a confrontar/questionar as fontes escritas oficiais, fortalecendo o trabalho do historiador.

Palavras-chave: Historiografia. Memória. História Oral.

ABSTRACT: The objective of this article is to carry out a study on memory, since it is fundamental for training for both the individual and the nation, and can undergo changes, in certain times and spaces, crossing imaginary borders, over which we have no control, whether physical or intellectual. Some memories, whether personal or collective, solidify the places of memory widely used to justify / consolidate identity. Studies on memory were strengthened in academia in the second half of the twentieth century and the *Annales* magazine was fundamental for dissemination. Finally, a study on oral history is carried out, as a research source that comes to confront / question the official written sources, strengthening the historian's work.

Keywords: Historiography. Memory. Oral History.

1 INTRODUÇÃO

A memória é um componente fundamental, e está presente em nossas vidas, sejam elas de forma individual ou coletiva, para sua fixação são utilizados além do discurso os lugares de memória, como museus, cemitérios entre outros espaços destinados a manter vivos determinados conceitos ideológicos no imaginário, fortalecendo determinadas

doutrinas principalmente políticas, criando personagens e atores e manter-se no poder.

Por volta dos anos 20-30 no século XX, autores como Maurice Halbswachs, já abordavam a temática, na busca de discutir no meio acadêmico a importância das análises do discurso como fonte de pesquisa a ser utilizada pela história, enriquecendo o espaço de pesquisa historiográfica. Mais foi

¹ Professor Efetivo da Educação Básica do Estado de Mato Grosso desde 2011 na disciplina de História. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Metodologia do Ensino de História e Geografia pelo Centro Universitário Uninter (UNINTER) e em Gestão Ambiental pela Faculdade de Pimenta Bueno (FAP). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e em História pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: gleisonpp@hotmail.com.

durante meados do século XX que as discussões ganham espaço com as publicações da revista dos *Annales*, que valoriza o discurso dos esquecidos da história, pois até então os valores dos documentos oficiais predominavam no discurso historiográfico.

As discussões maiores sobre a temática da memória se intensifica com os estudos de Pierre Nora e Michel Pollak em meados das décadas de 80 e 90, onde os estudos apresentados ganham força no ambiente acadêmico, com análises dos

discursos orais e de técnicas de abordagem e análises de fontes, pois com o surgimento do gravador notamos que as entrevistas poderiam ser gravadas e analisadas, transcrevendo as fontes orais em escrita, fortalecendo a fonte histórica como pesquisa acadêmica.

Por fim, é realizada uma análise da história oral e sua importância para as pesquisas no campo da história, bem como as técnicas de análise desde a coleta e o comportamento dos entrevistados.

2 MEMÓRIA E HISTÓRIA, UM DESAFIO HISTORIOGRÁFICO

A memória é parte integrante de nossas vidas, onde obtemos inúmeras experiências vividas ou ouvidas, que ao longo dos anos ficam armazenadas em nosso cérebro, algumas que ficam marcadas sejam boas ou ruins, que podem ficar armazenadas em nosso inconsciente, que dependendo podem retornar ao indivíduo a qualquer momento, seja pela emoção ou necessidade para realizar alguma atividade como aponta Dantas:

A memória é o armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Relaciona-se fortemente à aprendizagem que é a obtenção de novos conhecimentos, pois utiliza a

memória para reter tais informações no cérebro. Existem duas formas de adquirir e armazenar informações:

Memória de Procedimento: Utilizada para armazenar e verificar informações não verbalizadas como habilidades motoras, sensitivas ou intelectuais.

Memória Declarativa: Utilizada para armazenar e relembrar fatos e/ou dados recebidos pelos sentidos, criação de idéias, raciocínios [...]. (DANTAS, 2017, p. 1).

Segundo Dantas (2017), nossa memória realiza diversos procedimentos, para armazenar fatos que marcam nossas vidas, que podem interferir na identidade do ser, desde a memória individual até a formação da nação², a respeito do conceito de memória coletiva Pollak (1992) afirma

² Neste caso se referimos a identidade, pertencimento a determinado grupo social. (Nota do autor, 2020)

em seu artigo “Memória e identidade Social” citando Maurice Halbwachs:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos de 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 2).

Como afirmado por Pollak (1992), a memória pode ser tanto individual quanto coletiva, inclusive vai à mesma perspectiva de Santos (2007) e pode sofrer variações dependendo do momento, pois os fenômenos históricos marcantes ficam no imaginário, podendo ser marcados por acontecimentos, pessoas e até personagens.

Em virtude dos inúmeros acontecimentos que marcam a trajetória do indivíduo, com o tempo podem se solidificar, construindo assim a memória coletiva, que muitas vezes é utilizada no meio político para justificar/construir um personagem marcante em determinados espaços de lugar e tempo ou até mesmo na nação, que segundo Pollak (1992) faz parte do processo de construção de identidade social, agregadas a memória individual reconstruem em si instrumentos para a memória coletiva, que possuem o

compromisso de continuidade na base individual, das quais citamos Barros (2009, p. 39):

Como conceito significativo para os recentes desenvolvimentos das ciências humanas, a noção de Memória tem sofrido ressignificações bastante importantes. Para entendê-las, partiremos de algumas considerações ainda sobre a Memória Individual, buscando perceber como certos modos de conceber a memória do indivíduo contaminaram, em algum momento, os modos de perceber a Memória Coletiva [...].

No campo do conhecimento científico principalmente das ciências humanas o conceito de memória tem sofrido ressignificações como aponta Barros (2009) com o termo “Memória Social”, que delimita um campo de estudo e reflexões pioneiras ao *Ensaio de Memórias Coletivas* do autor Maurice Halbwachs em 1950, que adentrou as academias³ nas últimas décadas da qual devemos ter o cuidado na utilização como fonte, devido ao comportamento dos indivíduos, pois varia conforme a situação.

Em relação à memória, é necessário observarmos no campo individual não podemos considerar como registro de tudo que passou, pois a memória é seletiva, pois envolve o que deve ser esquecido e aquilo que deve ser lembrado e são construídas ao longo dos anos. Assim como Burke (2005), Pollak (1992) cita como exemplo a guerra

³ O termo se refere ao espaço de conhecimento científico das Universidades. (Nota do autor, 2020)

do Normandia, das quais foram realizadas entrevistas e algumas “marcas” ou sentimentos eram relatados, conforme a situação vivenciada dos entrevistados:

Numa série de entrevistas que fizemos sobre a guerra na Normandia, que foi invadida em 1940 pelas tropas alemãs e foi a primeira a ser libertada, encontramos pessoas que, na época do fato, deviam ter por volta de 15,16,17 anos, e se lembravam dos soldados alemães com capacetes pontudos (*casques à pointe*). Ora, os capacetes pontudos tipicamente prussianos, do tempo da Primeira Guerra Mundial, e foram usados até 1916, 1917. Era portanto uma transferência característica, a partir da memória dos pais, da ocupação alemã da Alsácia e Lorena na primeira Guerra, quando os soldados alemães eram apelidados de “capacetes pontudos”, para a Segunda Guerra. Uma transferência por herança, por assim dizer. (POLLAK, 1992, p. 3).

Como notamos, a transferência de projeções de tempo e espaço fazem parte da memória como aponta o autor, algumas características transformam a vida do indivíduo e marcam determinados períodos perpassando fronteiras imaginárias, das quais não se tem o controle, seja físico ou intelectual com fatos marcantes na memória social, portanto, todas as memórias coletivas ou individuais são mutáveis, flutuantes etc. Porém, em todas as memórias existem alguns pontos que são irreduzíveis que impossibilita a ocorrência de mudanças como alguns acontecimentos

personais marcantes, algumas pessoas que se solidificam na memória devido à vivência/convivência e alguns lugares de memória são geralmente ligados a alguma lembrança ou concepção adquirida através de discursos que possam consolidar a identidade ou a nação em determinados períodos.

Sendo assim, a sociedade precisa tanto da memória quanto da histórica como instrumentos para encontrarmos significado que não lhe é o mais inteligível como aponta Foucault (2008, p. 15), pois,

a história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispensará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia – sob a forma da consciência histórica -, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada.

Portanto, nesta perspectiva, a busca pela memória ligada à própria história estão relacionadas ao sujeito e sua consciência histórica, já que a memória que segundo SmolKa (2000) e Nora (1993) que ela não é “espontânea e verdadeira”, mas sim possibilidades reconstituídas ao longo do tempo, dando sentido a nossa existência.

3 O LUGAR DA MEMÓRIA NA HISTÓRIA

Uma questão relacionada à memória e a história, é a necessidade de reconstituição de si mesma, como forma de encontrar um significado para a sociedade e manter as estruturas imaginárias, que formalizem e estruturam a memória coletiva e individual de determinados grupos.

Em sua obra Pierre Nora em *“Entre memória e história: a problemática dos lugares.”* Dos quais define os lugares de memória como grupos regionais sejam eles de gênero, sexuais, gerações, comportamentais, étnicos, que buscam acesso a uma memória viva presente na atualidade.

Este autor ainda conceitua a necessidade de identificar uma origem, utilizando mecanismos que relembrem o passado, com suas identidades sociais, através de lugares públicos, lembranças pessoais, ou acontecimentos quase que obrigatórias para a formalização da memória através dos lugares, que segundo Nora: “[...] Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notarias atas, por que estas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13)

Diante da necessidade de explicar/problematizar os “lugares de memória”, Barros (2009) cita os autores renomados como Le Goff e Pierre Nora, ambos da década de 90, que apontam o movimento da memória coletiva, relacionada ao lugar, visto que a experiência de Halbwachs nas décadas de 20 e 30, já vinham apontando, mais que durante anos não tinham se disseminado no ambiente das pesquisas acadêmicas.

Será oportuno lembrar que, ao lado deste grande movimento de reflexão e preservação dos “lugares de memória”, a nova aproximação do fenômeno da Memória Coletiva liderada por Pierre Nora permitiu um novo delineamento conceitual. De acordo com uma passagem de Pierre Nora retomada por Jacques Le Goff em seu verbete sobre a “Memória”, a Memória Coletiva seria doravante concebida como “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF, 1990. p. 472). Com esse novo delineamento de um conceito – atento não apenas ao que se preserva da experiência humana, mas também ao que os grupos sociais fazem desta experiência humana preservada – Pierre Nora irá retomar as antigas oposições entre Memória e História que já haviam sido objeto de reflexão de Maurice Halbwachs. (BARROS, 2009, p. 51).

Após a ascendência das pesquisas relacionadas à memória, os lugares de memória passam a ter um significado científico, que segundo Vovelle (1974) aponta como os símbolos e monumentos

como: arquivos, bibliotecas, museus e locais simbólicos que “eternizam” no imaginário coletivo, perpassando inclusive a memória individual, que é permanentemente construída no sentimento de identidade e até nação, isso faz parte da ideia e da ritualização de uma memória-histórica, a fim de ressuscitar a lembrança e ter acesso a ela, que para Nora “só é lugar de memória se a imaginação investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual” (NORA, 1993, p. 21), na busca de fortalecer o ritual que a sociedade exerce tanto na memória individual quanto da coletiva dos grupos que o indivíduo está inserido.

Cabe aqui destacar que Le Goff (1990, p. 473), menciona que “os Estados, os meios sociais e políticos, as comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória”, neste caso podemos mencionar que existem lugares atrás do próprio lugar, que por vez são utilizados para relembrar algo.

Em virtude do controle da memória (individual e coletiva) e o significado dos lugares, a sociedade busca enquadrar, os processos de memória a necessidade de administrá-la para manter sua coerência, que na maioria das vezes aparece como um valor na re-construção da identidade individual e coletiva, pois para Barros

(2011), essa definição seria o significado em alguns momentos de descontinuidade, já que para alguns ela busca criar laços lógicos e simbólicos como forma de manter a continuidade e naturalidade dos elementos sociais socialmente constituídos na memória dos indivíduos a respeito Barros (2009, p. 53) afirma que,

as chamadas ‘memórias históricas’ também constituem capítulo importante para o grande universo da Memória Coletiva, e levam a repensar mais uma vez o seu papel na sociedade. Quando surge este vivo interesse em recuperar certas “memórias históricas”, senão no contexto de um tempo acelerado em que as identidades se vêm ameaçadas? A história e a memória entrelaçam-se nas “memórias históricas” para preencher uma função importante: quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram, começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro destas memórias. Foi assim, por exemplo, que se intensificou o interesse pela produção das “memórias do holocausto”. Assegurar o registro desses acontecimentos tão trágicos é também uma forma de adquirir controle sobre eles, de impedir que um dia se repitam, que caiam no esquecimento e que deixem de ser analisados criticamente.

Segundo Barros (2009), um dos mecanismos que são utilizados para evitar o esquecimento das memórias históricas é manter as tradições, como formas de manutenção das memórias, sejam elas boas ou ruins, porém o que importa é manter, pois assim a sociedade mantém a

continuidade da memória coletiva disseminada na individual, como forma de manter as identidades e garantir a “tranquilidade” nos processos formativos de memória.

Entre as memórias, Leroi-Gourhan (1964, p. 67) denomina como “Instituições-Memória” os grandes lugares, como espaços socioculturais que são criados para manter determinadas estruturas de memória, que na maioria dos casos podemos denominar como arquivos nacionais.

A temática de estudos de lugares de memória, iniciam após a década de 80, principalmente com os estudos de Pierre Nora, que aprofundaram os apontamentos de Maurice Halbwachs 20-30, que foram fundamentais para o debate nas pesquisas e multiplicação do conhecimento nas academias⁴, bem como a forma de abordar as questões relacionadas à memória-história-lugar.

Em relação ao conceito de abordado por Nora e Halbwachs, Arévalo (2004) afirma:

O que parece haver, no entanto, é uma outra leitura desta categoria pela política de preservação. Esta a utiliza percebendo o espaço como parte importante na criação de uma memória coletiva que identifica grupos sociais importantes e atuantes na formação de uma identidade maior,

a da nação. No entanto, para Nora, os lugares de memória são essencialmente meios, meio de acesso a uma memória, que não é memória, é história, porque esta reconstituída através de vestígios e, mais importante, uma memória que é reivindicada e não espontânea, como queria Halbwachs. Essa memória não é mais construída no grupo, mas para o grupo pela história, para que este possa nela encontrar elementos que legitimem sua ação política no presente. (ARÉVALO, 2004, p. 12).

Os apontamentos citados pela autora são avanços de estudos científicos que afirmam a importância da memória na formação da nação, com suas particularidades e que são mantidas nos lugares de memória, que são solidificadas como história, fator relevante e utilizado pelos meios políticos na preservação e continuidade como afirmamos anteriormente, justificando a necessidade de manter lugares específicos de memória, resgatando aquilo que não conseguiríamos guardar no dia a dia.

Diante das abordagens e da preocupação no trabalho com a memória seja ela coletiva ou individual, surge a necessidade nas pesquisas de saber utilizar/reproduzir nos espaços acadêmicos, os relatos de pessoas envolvidas nos processos de disseminação da memória coletiva, porém a necessidade de coletar os relatos individuais é fundamental para a história como veremos a seguir.

⁴ Idem 4.

4 O TRABALHO COM FONTES ORAIS

Na atualidade o trabalho com fontes orais vem sendo muito utilizado no meio acadêmico, porém, vários cuidados devem tomados, pois como citamos anteriormente a memória é seletiva e pode sofrer alterações constantes, podendo inclusive rememorar alguns atores/personagens.

Em virtude do trabalho com memória individual e coletiva, e a necessidade de análises coerentes sobre as pesquisas que utilizem fontes orais nas pesquisas no meio acadêmico, alguns cuidados devem ser considerados, pois quando o entrevistado está respondendo a pesquisa, tem a preocupação de transmitir os momentos bons para o devido registro, ato que parece ser do inconsciente quase que desaparece dos relatos que segundo Pollak (1992) “a memória é seletiva e nem tudo fica gravado e nem tudo fica registrado”, mostra ainda que a memória é um fenômeno construído e sua análise deve levar em consideração vários fatores como: ambiente da pesquisa, os lapsos da memória, a preocupação do entrevistado em fazer uma história “bonita”, são alguns fatores relevantes a serem considerados.

Em relação ao desenvolvimento dos registros orais, na história, podem sofrer alterações que segundo Barros (2009, p. 60) pode interferir, desde a forma de realizar a

entrevista quanto à transferência dos dados orais para escritos:

Naturalmente que, hoje, à luz do desenvolvimento da História Oral, surge uma reflexão sobre até que ponto o entrevistador não estrutura ou motiva as respostas dos entrevistados em uma determinada direção. Há problemas diversos recorrentes na passagem do registro oral para o registro escrito, na passagem de uma língua a outra, na própria difusão de elementos que pode se dar através de uma determinada maneira de o entrevistador fazer uma pergunta, escolher uma pergunta, impõe determinadas condições ao desenvolvimento da entrevista.

Em meados do século XX, com a disseminação da Escola dos *Annales*, a história oral, ganha espaço científico, pois vem a confrontar vários relatos escritos oficiais, dando ênfase a relatos orais, transcritos para desmistificar a construção da memória coletiva e buscar alternativas, nos relatos de pessoas comuns, que não são ligadas as ideologias políticas, que até então eram excluídos, e é bem aceita no campo da história, pois passamos a ter uma segunda via nos confrontos de fontes oficiais geralmente construídas para a coletividade.

Neste momento, várias correntes historiográficas seguem esta linha de pensamento, fortalecendo a importância da história oral, mesmo que sofra alguma tendência em suas diversas abordagens, pois segundo Burke (1992), ao afirmar que

lembrar o passado e fazer tais registros, talvez ele não consista numa atividade inocente, inclusive as recordações e as próprias histórias podem parecer objetivas no seu sentido amplo.

Porém, na mesma perspectiva, Burke (1997), descreve que o movimento dos *Annales*, foi importante, pois ampliou as possibilidades de elevar as discussões e ampliar as visões, já que questionavam

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a temática da memória individual e coletiva, a ponto de descrever a importância de cada uma na formação da nação e suas implicações no campo da história.

Diante dos apontamentos, sobre a memória, foram discutidos os espaços de memória, e lugares de memória como forma de preservação coletiva, para manter vivas as concepções criadas e rememoradas ao longo da vida, passando inclusive períodos bons ou ruins, mais sempre no intuito de permanecer viva na memória coletiva de determinados grupos.

Por fim, foi realizado algumas abordagens referente a história oral, que surge em meados do século XX, com sua

aquela “historiografia tradicional”, valorizando assim a “nova história”.

É importante ressaltar que com o surgimento do gravador no século XX, foi fundamental para a história oral, pois possibilitou gravar e guardar entrevistas, depoimentos, que poderiam ser analisados pelos historiadores e tornando uma fonte histórica.

disseminação através da revista dos *Annales*, fortalecendo a pesquisa e dando oportunidade aos indivíduos excluídos, a oportunidade de fazer história e contrapor a história factual e oficial, que durante décadas foi mantida, proporcionando assim um vasto campo de pesquisa na história pelos historiadores, mesmo recebendo algumas críticas devido as abordagens e veracidade das fontes, é muito utilizado no campo historiográfico tanto no final do século XX quanto o XXI.

Esperamos que este trabalho possa contribuir com pesquisadores da área, visto que o material é rico em fontes e que contribui aos historiadores e suas pesquisas no campo da memória e história.

6 REFERÊNCIAS

- ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto.** In: ENCONTRO MEMORIAL DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, 1., 2004, Mariana. **Anais** [...]. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2004.
- BARROS, José D'Assunção. **História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço.** **Mouseion**, Canoas, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009. ISSN 1981-7207.
- BARROS, José D'Assunção. Memória e história: uma discussão conceitual. In: **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 1, p. 317-343, 1º sem. 2011. e-ISSN 1517-4689.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. A história como memória social. In: **O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica**. Lisboa: Difel, 1992. Disponível em: <http://muna.tripod.com/17.html>. Acesso em: 04 out. 2019.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. Memória. **Brasil Escola**. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/memoria-1.htm>. Acesso em: 29 jul. 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Unicamp, 1990. p. 423-483. (Coleção Repertórios).
- LEROI-GOURHAN, A. **Le geste et la parole**, v. 2. Paris: A. Michel, 1964-1965 [Lisboa: Edições 70, 1981-83].
- HALBSWACHS, Maurice. **Mémoire collective**. Paris: PUF, 1950. (Memórias Coletivas. São Paulo: Centauro, 2006).
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC-SP, 1993. p. 12. (Projeto História, nº 10).
- POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SANTOS, M. P. História e memória: desafios de uma relação teórica. **OPIS**, Catalão, v. 7, n. 9, p. 81-98, jul./dez. 2007. e-ISSN 2177-5648. DOI <https://doi.org/10.5216/o.v7i9.9331>. Disponível em: http://www.catalao.ufg.br/historia/revistao-opsis/arqpdf/OPIS2007_2.pdf. Acesso em: 14 ago. 2017.
- SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, jul. 2000. ISSN 1678-4626. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008>.
- VOVELLE, Michel. **Mourir autrefois: attitudes collectives devant La mort aux XVII et XVIII siècles**. Paris: Gallimard, 1974.